



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**QUESTÕES GERAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA  
SOCIEDADE AÇUCAREIRA, ALAGOA NOVA – PARAÍBA**

**MARIA DO SOCORRO DE OLIVEIRA**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2008**

**MARIA DO SOCORRO DE OLIVEIRA**

**QUESTÕES GERAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA  
SOCIEDADE AÇUCAREIRA, ALAGOA NOVA – PARAÍBA**

Monografia apresentada em atendimento  
às exigências de conclusão do Curso de  
História da Universidade Federal de  
Campina Grande - UFCG, para obtenção  
do título de Licenciado em História.

**ORIENTADOR: PROF. DR. ALARCON AGRA DO Ó**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2008**

MARIA DO SOCORRO DE OLIVEIRA

QUESTÕES GERAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA  
SOCIEDADE AÇUCAREIRA, ALAGOA NOVA – PARAÍBA

BANCA EXAMINADORA

---

PROF. DR. ALARCON AGRA DO Ó

ORIENTADOR

---

PROFª SILÊDE LEILA OLIVEIRA CAVALCANTE

EXAMINADORA

---

PROFª ROSILENE DIAS MONTENEGRO

EXAMINADORA

CAMPINA GRANDE

2008



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

## AGRADECIMENTOS

- A Deus, por me ter dado força e coragem para poder enfrentar todos os obstáculos que encontrei nessa minha caminhada.
- Aos meus pais (*in memoriam*), pela simplicidade e pelo exemplo de vida que me passaram, mesmo com o pouco tempo em que convivi ao lado deles.
- À minha família, em especial meu irmão, Antonio Alves de Oliveira, minha irmã, Irenice Alves de Oliveira e minha cunhada, que me encorajaram para que eu pudesse chegar ao término do curso.
- À professora Silêde Leila Oliveira Cavalcante, minha gratidão, porque foi a partir dela que me inspirei para trabalhar esse tema, pois foi na disciplina de Historiografia que apresentei um trabalho onde o nosso grupo resgatou memórias.
- Aos professores que foram solidários comigo, como: Nilda, Rozilene, Iranilson, Lenilda (Pedagogia), Tânia (Sociologia), Júnior, Benjamim e Liege, que irão ficar guardados na minha memória para sempre, pela suas simplicidades e pelo sentimento humano que demonstraram, não somente para com minha pessoa, mas com os demais alunos.
- Em especial, ao meu orientador, Alarcon Agra do Ó, com quem iniciei o meu primeiro dia de aula, ouvindo de suas palavras positivas, levantando ainda mais a coragem de permanecer ali sem que nada me desanimasse.

## RESUMO

Neste trabalho, procuramos apresentar um estudo sobre o auge da cana-de-açúcar no Nordeste, mais especificamente no município de Alagoa Nova, nas décadas de 60 e 70, onde serão utilizados não somente as teorias de alguns autores, mas entrevistas e minha memória familiar. O auge da cana-de-açúcar no município de Alagoa Nova, foi de suma importância para elevar o crescimento do município em vários aspectos, como por exemplo empregos para a população, construções de novas estradas, dentre outros. Mas, por outro lado, causou muito sofrimento nas pessoas, principalmente naquelas que mais contribuíram para que o auge alcançasse um patamar bem elevado. E isso ficou bastante claro na entrevista que foi concedida e na própria memória dos meus avós. Portanto, quando um sai se gloriando dos bens que tem adquirido e que com os avanços da tecnologia muitas coisas mudaram em relação à sua produção, outros ficam a mercê da sorte, em busca de uma nova oportunidade que, a cada dia, vai ficando cada vez mais distante, porque não possuem qualificação para poder serem inseridos no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Engenho. Cana-de-açúcar. Nordeste.

## Introdução

Neste estudo eu procuro recuperar algumas informações oferecidas pela historiografia acerca da experiência histórica da sociedade açucareira. Além disso, eu recupero informações e reflexões capturadas em algumas entrevistas e na minha própria memória familiar, no sentido de pensar como aquela experiência foi vivida, mais imediatamente, no município de Alagoa Nova, no brejo paraibano.

O motivo que me levou a escolher esse tema foi em virtude do mesmo ter chamado a minha atenção em algumas disciplinas, como História do Nordeste e História do Brasil, estudadas no decorrer do curso. Elas abordaram como o produto foi introduzido pelos portugueses no Nordeste e sua expansão na região, assim como a importância para a economia, entre outros pontos. Sendo assim, por que não enfatizar o Brejo paraibano, mais precisamente o município de Alagoa Nova?

Ficou clara para mim, ao longo do tempo, a relevância dessa linha historiográfica, uma vez que se percebe o quanto a cana-de-açúcar foi de suma importância para o desenvolvimento do Nordeste, favorecendo de certa forma a classe trabalhadora mais pobre, pois apesar do pouco que recebiam pelo trabalho prestado na época, era quase a única fonte de renda que se tinha para empregar as pessoas, principalmente aquelas que não possuíam um certo conhecimento de leitura. Então, tinham que optar pelos canaviais que era uma forma de sobrevivência.

O enfoque principal desse trabalho é também ser utilizado como material didático na sala de aula com especialidades nas escolas públicas de Alagoa Nova, para que os alunos também possam tomar conhecimento dos benefícios que trouxe a cana-de-açúcar em nosso município. A partir daí, se interessem em buscar mais conhecimento a respeito da mesma.

Espero que essa pesquisa sirva para que os leitores, em especial as futuras gerações, reflitam sobre o grande potencial econômico que a cana-de-açúcar representou para o município de Alagoa Nova do século XIX ao século XX, especificamente a partir de 1960, quando os engenhos tiveram uma alta produção de rapadura, aguardente, açúcar mascavo e melaço.

Esta pesquisa será de importância não somente para o aperfeiçoamento dos meus conhecimentos acadêmicos, mas como fonte de trabalho para outros professores que pretendam pesquisar sobre essa mesma linha historiográfica. Também pode estimular a pesquisa no Nordeste ou em outras cidades do Brejo paraibano, pois estas podem conter inúmeras “novidades” que precisam ser levadas ao conhecimento de outros pesquisadores e alunos que tenham interesse em buscar novas informações acerca desta relevante atividade econômica que contribuiu para o progresso do Nordeste e municípios do interior paraibano.

O texto apresenta uma forma corrida, o que foi a maneira que encontrei para melhor organizar as minhas idéias e as informações e reflexões que pude colher na minha pesquisa.



## O Açúcar em Alagoa Nova: histórias e memórias

A cana de açúcar foi trazida para o Brasil pelos portugueses no início da colonização. Foi a primeira fonte de riqueza do Nordeste. Surgiram os primeiros engenhos e, em torno deles, cresceram vilas e cidades. O açúcar era, naquele tempo, um produto raro e cobiçado na Europa. Por causa dele, os holandeses invadiram o Nordeste, mas foram expulsos pelos brasileiros e portugueses.

Muitos escravos vieram da África para trabalhar na fabricação do açúcar. Pertenciam aos senhores de engenho, ricos e poderosos fazendeiros que moravam na casa grande, com sua numerosa família. Hoje, os antigos engenhos foram substituídos por modernas usinas, onde trabalham milhares de operários. Pernambuco é o maior produtor de açúcar do Nordeste, que é exportado para outros centros consumidores e também para o estrangeiro.

Um dos autores mais importantes para uma história do açúcar no Brasil foi, sem dúvidas, Gilberto Freyre. Em muitas de suas obras e, especialmente, em *Nordeste*, ele deu ênfase aos estudos sobre as experiências históricas que foram vividas no Brasil desde o começo da colonização, em torno da produção açucareira.<sup>1</sup>

Freyre chamou a atenção, nos seus estudos, para as formas como a plantação da cana de açúcar moldou forma sociais e culturais. A grande propriedade, a escravidão, a monocultura e a dependência dos mercados e capitais internacionais foram por ele estudados como grandes elementos daquela história. Para ele, a monocultura do produto e a escravidão negra deixaram marcas indeléveis no perfil da região, onde a vegetação de matas e o solo de massapé foram condições favoráveis para

---

<sup>1</sup> FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2004.

o soerguimento de ma estrutura econômica social duradoura, mas excludente.

Outro historiador também de relevo, Sérgio Buarque de Holanda, discutiu a idéia de que a lavoura canavieira ao longo da história do Brasil assumiu um papel que não é lícito ignorar ou subestimar. Fornecendo um artigo de consumo obrigatório, a cana-de-açúcar nunca deixaria de ser cultivada, numa terra quase condenada a viver dos próprios recursos, tanto mais quanto diversamente do que com o arroz. A seu ver, não existiria entre os produtos nativos nenhum que lhe pudesse substituir. Em tais condições, é possível produzir bastante para o consumo local e, ainda, para o fabrico de um produto exportado: a marmelada.<sup>2</sup>

Para Rosa Godoy, autora que dialoga com a historiografia tradicional e moderna, mas que se aproxima de interpretações marxistas da história brasileira, a própria Região Nordeste surgiu com o açúcar. Mesmo depois ela sendo entendida como uma região que agrega outros espaços e outras práticas de exploração social e econômica, o Nordeste não deixa de ser um espaço predominantemente marcado pela experiência do mundo açucareiro.<sup>3</sup>

Martha Maria de Carvalho e Moraes Santana, historiadora paraibana, ressalta o fato de que, durante o século XVIII, a monocultura da cana-de-açúcar e o aprofundamento da política monopolista pombalina, aliando-se ao papel secundário a que foram relegadas a lavoura de subsistência e a pecuária, provocaram na colônia a falta generalizada de gêneros alimentícios. Seria um momento, entre outros,

---

<sup>2</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>3</sup> SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

nos quais a cana traria ao mesmo tempo fome e fartura, socialmente distribuídas de forma desigual.<sup>4</sup>

De acordo com Santana, o desenvolvimento e lucros proporcionados pela economia açucareira, associados aos interesses do Estado metropolitano, permitiram que o Nordeste, fosse o eixo polarizador da economia e da política da colônia, posição esta que manteve acompanhada dos altos e baixos impostos pelas oscilações do mercado internacional, até a segunda metade do século XIX, quando esse eixo foi deslocado sob a liderança do capital industrial, com a emergência e consolidação da economia cafeeira no sudeste brasileiro, assunto a ser abordado no próximo segmento deste trabalho.

A historiografia local, sobre Alagoa Nova, ainda que dispersa, informa que a cana de açúcar, efetivamente, foi de grande importância para a história da cidade. Suas terras, consideradas pelos homens ligados àquele cultivo, como apropriadas para a grande lavoura açucareira, vêm sendo exploradas daquela forma desde tempos muito antigos.

Há registros que indicam que, de início, nos primeiros momentos da ocupação do que hoje consiste no território do município de Alagoa Nova, destacavam-se os cultivos de produtos variados, como por exemplo o feijão e a mandioca. Eram produtos de subsistência, que garantiam a vida de todos quanto ali pousassem ou se estabelecessem mais ou menos definitivamente.

Com o passar do tempo e, principalmente, com o alargamento das fronteiras agrícolas paraibanas, ou seja, com a dilatação do território ocupado pelas monoculturas inicialmente típicas apenas da zona mais

---

<sup>4</sup> SANTANA, Martha Maria Falcão Carvalho e Morais. *Nordeste, Açúcar e Poder - Um Estudo da Oligarquia Açucareira na Paraíba*. João Pessoa-PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba/CNPq/GRAFSET, 1990.

próxima ao litoral, Alagoa Nova se viu agregada ao circuito de produção da cana de açúcar.

Ali, como em diversos outros lugares do Brasil, a história se sucedeu numa linha que vai do crescimento à decadência. A lavoura da cana, crescentemente importante ao longo do período colonial e imperial, logo nos meados do século XIX conheceu algumas crises, o que foi encaminhado de forma peculiar mediante a introdução de engenhos mecanizados e, depois, das usinas.

De modo geral, o proprietário de engenho era também o dono das terras, que ele cultivava ou arrendava, em parte, a outros plantadores. Estes aceitavam entregar a cana colhida para moagem naquele engenho, recebendo a metade do açúcar produzido. Havia donos de terras que não possuíam engenho. Entregavam sua cana para moagem no engenho mais próximo, recebendo como pagamento a metade do produto fabricado.

O engenho propriamente dito compreendia várias edificações, cada uma delas destinada a uma fase do processamento. Na casa da moenda, a cana era esmagada em cilindros movidos por uma roda d'água ou parrelhas de bois. Os escravos transportavam o caldo para a casa das fornalhas, a fim de ser concentrado em grandes tachos de cobre e transferido para as formas, onde o açúcar cristalizava-se. Depois disso, na casa de purgar, a massa era purificada e dividida em pedaços, os chamados pães-de-açúcar.

A comercialização interna era feita com esses pães. Para a exportação, porém, eles eram quebrados, triturados e secos ao sol; e o açúcar assim obtido seguia para os portos, acondicionado em caixas.

O mais importante trabalhador de engenho era o mestre, que acompanhava todas as fases do processamento e gozava de grande prestígio junto ao proprietário, freqüentando inclusive a casa-grande. O serviço bruto, tanto na lavoura quanto na fabricação, cabia aos escravos.

Havia também trabalhadores livres: barqueiros, correios, pedreiros, carpinteiros.

Houve, em Alagoa Nova, na passagem do século XIX para o XX, e nas primeiras décadas deste, um movimento de enfraquecimento e de decadência dos grandes e antigos engenhos, em prol do crescimento (no entanto breve) de algumas usinas.

Os fatores que acarretaram o processo de queda dos engenhos de Alagoa Nova foram três. Em primeiro lugar, quando da industrialização em larga escala a nível nacional do café, que passou a ser adoçado com açúcar, substituindo-se a até então disseminada prática de se adoçar o café com rapadura. A mudança de hábito alimentar das muitas pessoas que deixaram a zona rural e passaram a morar na cidade, dando maior preferência ao açúcar *in natura* e aos doces industrializados que a antes preferida rapadura, também afetou esse tipo de atividade econômica.

Em segundo lugar, houve a expansão dos engenhos na região do sertão paraibano os quais acabaram por concorrer com os engenhos do Brejo.

O fator mais decisivo fator a modernização da Usina Tanques, ocorrida em duas etapas, no ano de 1958 e, principalmente, em 1966. Desde ali a usina passou a conquistar novos mercados para o seu açúcar de boa qualidade (esse adoçante já tinha superado a rapadura na preferência popular em várias utilidades), e precisando cada vez mais de matéria-prima, para isso incentivando os proprietários a desativarem seus engenhos e tornarem-se fornecedores de cana-de-açúcar.

Já por aquela época, Aguinaldo Velloso Borges, grande liderança dos proprietários, fez ver aos seus liderados as vantagens da diminuição da carga de trabalho e de compromissos com trabalhadores se optassem pelo simples fornecimento da cana para a sua indústria. Depois, a Tanques passou a financiar todo tipo de atividades dos 'senhores de

engenhos', que com esse novo e mais forte incentivo, foram em maior número aderindo às vantagens de ganhar mais, trabalhando e se preocupando menos, o que à época deu bons resultados.

A partir do final da década de 1950, a direção da usina passou a financiar o plantio, tratos culturais, colheita e a financiar a longo prazo a compra de caminhões para os senhores de engenho transportarem cana para a indústria açucareira.

A cooperativa de crédito agrícola, com o tempo, passou a só oferecer pequenos financiamentos para a agricultura. Mesmo com a agência do Banco do Nordeste do Brasil – BNB, a partir de 1964, os financiamentos de usinas foram mais vantajosos para os senhores de engenho, do que os oferecidos por essa instituição bancária.

No início dos anos 1970, a maior parte dos engenhos prosseguia fabricando rapadura e aguardente, mas continuava a surgir outros no sertão. A Tanques insistia na sua política e novos motivos apareceram para causar a desativação dos mesmos: as questões trabalhistas a partir do início dos anos 1970 envolvendo moradores e senhores de engenho, foi um forte motivo para desestimular vários proprietários que pagavam indenizações às vezes pesadas a trabalhadores de suas terras a continuarem com os seus engenhos ativos. Em seguida, vieram os encargos sociais: salário mínimo, salário-família, 13º salário, todos justos encargos.

Porém, a maioria dos proprietários de engenhos, desacostumados a uma relação de trabalho na qual os empregados auferiam vantagens financeiras a partir de direitos legais, e, além disso, enfraquecidos economicamente, não suportaram mais essas despesas, além de tudo acrescidas com a implantação da correção monetária.

A rapadura ainda é um produto bem consumido no sertão e razoavelmente em outras regiões nordestinas e em parte do sudeste (Rio

e São Paulo), devido ao grande número de nordestinos lá residentes. No entanto, a instabilidade do preço e a variação da qualidade do produto, por causa da forma como é fabricado, deixa o seu fabricante em desvantagens em relação ao açúcar.

\* \* \*

Na cidade de Alagoa Nova, entre as décadas de 1960 e 1970, havia mais ou menos uns vinte e cinco engenhos em funcionamento, empregando um número elevado de pessoas.

Naquelas décadas, muitas famílias, principalmente as mais pobres, eram analfabetas, o que vem mudando nos dias atuais, pois uma boa parte das pessoas de baixa renda têm mais condições de serem alfabetizadas, para que possam almejar um futuro mais promissor.

Então, se uma boa parte daquela juventude não tinha nenhuma outra perspectiva de um emprego, acompanhavam seus pais para trabalhar nos canaviais, porque era a única fonte de trabalho que absorvia muita mão-de-obra para realizar das tarefas mais “simples” até os mais “pesados” serviços.

Hoje, essa realidade é bastante diferente devido ao número de engenhos que está bem reduzido e, assim mesmo, os poucos que ainda conseguem se manter, funcionam com um contingente de trabalhadores bastante reduzido, principalmente na parte da “cambitagem”, visto que esta função está sendo desempenhada com o auxílio do trator e das enchedeiras. Assim, no máximo 10 homens fazem todo o manuseio das máquinas, o que era bastante diferente no passado. Isso sem mencionar as moendas que hoje são movidas à eletricidade, com menos intervenção humana.

De certa forma, a modernidade inovou a mão-de-obra braçal, mas por outro lado, isso tem seus desdobramentos perversos.

Para muitos que não sabem lidar com a tecnologia porque são obrigados a se adequarem às normas do sistema e podemos perceber que essas normas não foram facilmente aceitas por uma boa parte dos trabalhadores dos canaviais pelo motivo que para se manter um engenho hoje não precisa de tantas pessoas como era necessário antigamente.

Sabemos perfeitamente que para uma pessoa sair do trabalho rústico e se adaptar no moderno não é nada fácil. Um senhor que entrevistei ressaltou que acha muito difícil que as pessoas mais pobres ou menos escolarizadas, especialmente as do campo, acompanhem a modernização dos costumes e das práticas produtivas. Aliás, disse ele, nem mesmo os senhores de engenho parecem ter como se modernizar.

Isso ficou bastante claro quando indaguei ao meu entrevistando se manter um engenho nos dias atuais ainda compensa. Segundo ele não, porque as cobranças são grandes e os custos ficam bastante elevados para manter um engenho. Mas, acrescentou ele que “tudo aquilo que é feito com amor é gratificante, até porque essa foi uma vocação que herdei dos meus avós e confio plenamente que mais tarde, pelo menos um dos meus filhos irá dar frequência aos meus trabalhos, apesar que até hoje ainda não senti dedicação por parte de nenhum dos três”. Seu Manuel ainda enfatizou: “gosto muito do que faço, mas o que me deixa chateado é quando tenho que entregar o meu lucro para alguém que vem me causar constrangimento, mas, ao mesmo tempo, me ‘contento’, porque se for enfrentar as leis de cara mesmo, irei saindo sempre perdendo ainda mais. Então, é melhor repassar o que é de direito deles e pronto”.

A fala dos donos de engenho registra que eles entendem que as leis favorecem bastante os trabalhadores. Daí, eles, proprietários, de forma alguma aceitam entregar os seus lucros para pessoas que, a seu



ver, na maioria das vezes, só lhes causam prejuízos. Em Alagoa Nova ainda há exemplos de senhores que são violentos com seus trabalhadores.

O que lamento nessa pesquisa foi a chegada dessas leis que foram tão tardias, porque se tivessem chegado décadas antes muitos trabalhadores não teriam sofrido tanto com alguns senhores de engenho desumanos que só pensavam em aumentar cada vez mais a sua produção, deixando para trás aqueles que tanto têm dado de si.

Como podemos perceber, hoje várias famílias vivem a mercê da sorte nas periferias das cidades, sem nenhuma perspectiva de vida, porque foram mandadas embora sem nenhum direito, principalmente aqueles que temiam os patrões, inclusive em função das represarias que viessem sofrer a mando do senhor de engenho.

Muitos trabalhadores prestaram serviços sem nenhuma proteção para evitar acidentes de trabalho ou para proteger a saúde. É o caso de um cortador de cana do município de Alagoa Nova, que me relatou que o que é mais difícil na sua vida é quando olha para uma de suas mãos e vê que perdeu três dedos fazendo o corte da cana sem nenhuma proteção.

Ele diz que, se tivesse algum material de proteção no trabalho, tal fato poderia ter sido evitado. Para aumentar sua angústia recorda-se que, após o acidente sofrido no trabalho, o senhor de engenho para o qual trabalhava o mandou embora com sua família, pagando apenas uma quantia irrisória, que mal deu para comprar uma casinha singela na periferia da cidade de Alagoa Nova. Ele ressaltou que às vezes as coisas vêm acontecer com um indivíduo para que ele possa começar a ver as coisas de outra forma ou até mesmo para buscar outra opção de vida.

Como no meu caso. Fui cortar cana porque não via outra opção para minha pessoa, até porque sou cego de leitura, não sei sequer fazer a primeira letra do meu nome. Mas não quis que meus três filhos viesse passar o que passei. Coloquei-os para estudar e hoje, graças a Deus, estou velho mas são eles

que me dão, não do bom e do melhor, mas uma vida bem razoável, graças a Deus. E sempre comento com eles: se eu tivesse ficado morando ali mesmo, qual seria a perspectiva de vida vocês teriam agora? Ainda bem que eu não deixei-os se aproximarem de canavial para trabalhar e sim apenas para pegarem algumas canas para chupar e nada mais. Às vezes penso que o mal só nos trouxe a felicidade, porque não é fácil enfrentar os perigos dos canaviais e até mesmo você imagina que tem que sair limpo de casa e voltar como um verdadeiro bicho, que na maioria das vezes você se sente até mesmo irreconhecível, isso sem falar em outros perigos que tem por obrigação enfrentar, como os transportes que na maioria das vezes carregam as pessoas para os canaviais como se as pessoas fossem uns verdadeiros animais. Isto quando é feito em caminhões, porque ainda existe transporte feito em tratores de forma clandestina. (entrevistado – ex-cortador de cana)

Isso fica bem claro quando perguntei para este ex-cortador se existem trabalhos feitos de forma clandestina em nosso município, apesar das fiscalizações, que são vistas por muitos como rigorosas.

Ele ressaltou que há e não é pouco, porque existem muitas pessoas que não têm qualificação profissional para que possam escolher outros tipos de trabalho ou, por exemplo, submeterem-se aos concursos públicos que acontecem freqüentemente nas cidades. Sendo assim, terminam procurando senhores de engenhos para ganharem um dia de serviço prestado. Ocorre, diz meu entrevistado, que na maioria das vezes, essas pessoas só querem mesmo é “colocar o senhor de engenho no ‘pau’”, porque eles não pensam no dia de amanhã”.

E acrescenta:

Hoje estão aqui e amanhã, talvez, não tenham nem para onde irem. E tem mais essa, o senhor de engenho só pega qualquer um quando o trabalho é feito de forma rústica, porque quando é movido à tecnologia, jamais esse senhor irá inserir esse indivíduo em seu trabalho. Até porque muitos senhores hoje são cobrados de alguma forma por parte de alguns órgãos para que possam levar seus empreendimentos à frente. (entrevistado – ex-cortador de cana)

Quando indaguei para o meu outro entrevistando, proprietário de terras, se os senhores de engenhos do nosso município recebem incentivos por parte de algum órgão do município, ele me informou que há 20 anos atrás o incentivo por parte do município era muito pouco, ou melhor, não se tinha. Mas hoje a realidade é outra.

Os produtos que produzimos são levados para outros estados ou até mesmo para outros países por pessoas que vêm nos visitar, principalmente agora com a criação do projeto 'Caminho do frio', que foi uma criação de pessoas empreendedoras do município de Alagoa Nova que, há 04 anos, vêm com esse projeto, atraindo pessoas de outros estados e porque não de outros continentes? Para que tudo isso venha dar certo, temos que entrar com a nossa parte e, por outro lado, temos o incentivo para poder levar esse sucesso adiante. (entrevistado – proprietário)

Para os poucos senhores de engenho que ainda continuam em suas atividades, esse projeto foi mais um passo dado no sentido de alguma recuperação do seu status. As pessoas saboreiam os produtos que lhes são oferecidos e, ao mesmo tempo, passam a fazer propaganda dos produtos e da própria gastronomia do município e sabemos que muitos municípios vêm se expandindo hoje com os produtos que o próprio município produz.

As pessoas do lugar começam, desde ali, a perceber que seu futuro está no próprio município. Muitos se dão perfeitamente bem com aquilo que têm no município e que, de uma forma ou de outra, só vêm enriquecer o próprio comércio local, diminuindo o êxodo rural que contribui para o inchaço populacional das cidades e para a eclosão de favelas nas periferias.

Muitas famílias quando saíam da zona rural para a urbana passavam por um martírio, porque eram acostumadas com uma vida pacata e de repente tinham que conviver com uma realidade que não seria

a sua. Hoje, com empreendimentos desse tipo, muitos têm o privilégio de participar, amenizando um pouco a situações das famílias de baixa renda. Então, são os pontos positivos que meu entrevistando proprietário acredita que tem para dar certo, não somente para os donos de engenhos como para as pessoas que residem próximas das trilhas que foram criadas em locais que são considerados pontos de visitação, como por exemplo as cachoeiras, que se encontram dentro do município.

Conversando com outras pessoas que moram próximas do 'Caminho do frio', pude perceber que hoje elas não vêem a cidade como um lugar certo para morar. Segundo elas, o que muitos da cidade possuem, os da zona rural usufruem da mesma forma. "Então, para que sair do que é nosso e ir em busca de vida melhor? Lá, na maioria das vezes, só vamos mesmo é ficarmos cada vez mais agitados com esse vai e vem das pessoas".

\* \* \*

Diante dos relatos que o meu entrevistando ex-cortador de cana expôs durante a entrevista concedida, a todo momento me reportava às histórias que eram contadas pelos meus tios, que relatavam que meus avós paternos passaram situações idênticas ou até piores que às dele, quando moravam em terras de engenhos, por volta de 1902, época em que os engenhos eram movidos à tração animal, sendo muito mais arriscado porque tinham que conviver, muitas vezes, com animais raivosos.

Com o passar do tempo, esses engenhos arcaicos foram se modernizando, de forma que quem passou a fazer o manuseio dos equipamentos dos mesmos foram os próprios trabalhadores. Porém, meu avô conta que nunca sofreu sequer um arranhão.

Segundo meus tios mais velhos, meu avô sentiu na pele o que significava ser trabalhador e morador de engenho, porque quando não era cobrado pelo patrão, seria cobrado por pessoas que, na maioria das vezes, só queriam mesmo era agradar o seu Senhor e nada mais, onde não pensava no outro como ser humano.

Para a maioria dos feitores, os trabalhadores não eram considerados gente e sim máquinas, pois para aqueles, os trabalhadores não podiam adoecer, a exemplo do meu avô, que teve um problema de saúde e não pôde comparecer ao trabalho. De imediato, o feitor foi à sua casa para saber o motivo de sua ausência no trabalho e não aceitou as explicações dadas por meu avô, de que estava doente. Então, o feitor saiu da casa dizendo palavras horríveis e o chamando de preguiçoso.

Porém, tanta pressão não justificava o que o trabalhador ganhava, pois não recebiam nada pelo serviço prestado, apenas no final de semana o senhor de engenho pagava com um tipo de melaço chamado “mel de furo”, um tipo de mel que, segundo relatos, era amargo por ser queimado.

De acordo com relatos de familiares, para sobreviver, meu avô saía bem cedo de casa e, antes de ir para o canavial, deixava os filhos encarregados de ir para o roçado plantar alguns produtos para que pudesse suprir suas necessidades básicas.

Assim, contam meus tios – pois meu pai na época tinha apenas 02 anos e não chegou a vivenciar tal sofrimento – que meu avô começou a plantar alguns pedaços de cana, com o consentimento do dono das terras e, a partir daí, começou a “dar de meia”, ou seja, entregava ao dono do engenho sua cana para moer e recebia a metade que tinha direito. Foi dessa forma que ele começou a se libertar daquele sofrimento e, com o que ganhava, passou a comprar porcos e abater para vender entre a vizinhança. Com isso, passou a economizar algum dinheiro para poder

comprar um “pedaço de terra” para abrigar seus dez filho e esposa, passando a trabalhar no que era seu de fato.

Hoje, as pessoas procuram reivindicar seus direitos, mas naquela época não existia direito e as pessoas não tinham a quem recorrer, não restando apenas a subordinação, pois se não fosse feito de acordo com as vontades do senhor de engenho, os trabalhadores sentiam na pele as represálias.

Ainda com relação à entrevista que ex-cortador me concedeu, o qual ressaltou todo o sofrimento ao trabalhar como cortador de cana, porém tinha superado todos os obstáculos, coincidia muito com os relatos de meus familiares de suas infâncias nas terras de engenhos. Para eles foi uma coisa marcante nas suas vidas e que iriam levar para sempre.

Mas, pelos relatos que tive o prazer de escutar por diversas vezes, para mim meus avós foram verdadeiros heróis, porque tiveram força de vontade para vencer na vida, para que pudessem oferecer algo de bom para os seus dez filhos e, aos poucos, foram retomando suas vidas, participando do comércio, onde se estabeleceu e que aquela vida de tristeza teria deixado para trás e começou a investir em bens que mais tarde fossem causar alegria aos seus futuros descendentes. Tenho a maior admiração pelos meus avós e sinto muito por não os ter conhecido, para ter escutado dos mesmos a sua história de vida.

Apesar de meus avós terem tido uma vida tão difícil, depois que deixou de trabalhar para o senhor de engenho e se ergueu na vida, seu primeiro passo foi em relação aos seus filhos mais velhos, os quais colocou para estudar e, como naquela época não existia escola, contratou um senhor para que pudesse alfabetizar seus filhos mais velhos. Depois de um certo tempo, surgiu uma senhora que iria lecionar próximo de sua casa, sem as mínimas condições para que pudesse dar aulas. Assim, ele aproveitou o ensejo e colocou os outros filhos que ainda não

freqüentavam a escola, até porque esta moça seria paga pela igreja para dar aulas às crianças da redondeza.

Segundo meus tios e até mesmo meu pai, o número de alunos era tão grande que as aulas tinham início às 07 horas, como é de rotina, mas não tinham hora para terminar. Era um verdadeiro constrangimento, porque a fome era tanta que tinha criança que chegava a desmaiar porque não suportava. Enquanto isso, a professora que morava perto da sala de aula ia em casa para fazer sua refeição e não se dava conta de que ali estavam crianças famintas.

Todo mundo aprendia alguma coisa, segundo meu pai, e todos obedeciam a professora, até mais do que as próprias mães.

Mas, mesmo assim, dava para perceber nas histórias contadas pelos meus tios que enquanto meus avós se orgulhavam de contar sua história de vida, seus filhos eram pessoas frustradas quando traziam à tona as memórias do passado de seus pais. Segundo eles, nenhum senhor de engenho tem dó de ninguém e que são, na verdade, muito cruéis. Mas, pude observar nas indagações que fiz a seu Manuel, é que aparentemente ele não age com sua clientela de forma desumana, até porque conheço alguns de seus trabalhadores e eles lhe faz bastante elogios. Mas, por outro lado, eles têm uma queixa terrível de seus administradores que, em algum momento, querem dar mais ordens do que o próprio senhor.

## Conclusão

O que pude concluir desta pesquisa são duas questões.

Em primeiro lugar, chamou a minha atenção o fato de que, independentemente das diferenças que os historiadores tenham entre si, muitos deles concordam com a idéia de que a cana de açúcar marcou e moldou muita coisa na história do Brasil. Ou como fator de enriquecimento, ou como experiência de exclusão e de empobrecimento, para todos parece que a exploração da monocultura açucareira foi marcante de forma intensa na história brasileira.

Em segundo lugar, pude observar que a história de Alagoa Nova, se parecida em muitos pontos com o destino de outras tantas cidades brejeiras do nordeste brasileiro, guarda em si mistérios – casos particulares, experiências que dizem respeito a algo geral, mas principalmente aos dramas, sucessos e fracassos do município em si. A cidade de Alagoa Nova, assim, está por merecer esforços como o que empreendi aqui, e de outros tantos, mais elaborados, que registrem a sua história e a façam brilhar.

Se, em Alagoa Nova, a exploração da cana, o sucesso dos engenhos e a sua crise, o aparecimento dos engenhos, o acirramento das tensões trabalhistas, o suceder-se de riquezas e pobreza – se tudo isso parece ser comum no nordeste brasileiro, não é menos verdade que cada lugar viveu isso de forma particular, o que só será possível de recuperação com o trabalho cuidadoso com as memórias e tradições locais, muitas das quais ainda esperam pelos historiadores.



## Referências Bibliográficas

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

SANTANA, Martha Maria Falcão Carvalho e Morais. *Nordeste, Açúcar e Poder - Um Estudo da Oligarquia Açucareira na Paraíba*. João Pessoa-PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba/CNPq/GRAFSET, 1990.